

A vida de improviso: sem atores, sem roteiros, na tradição de Lumière e Dziga Vertov, livre das peias da literatura.



## O Evangelho Segundo Teotônio

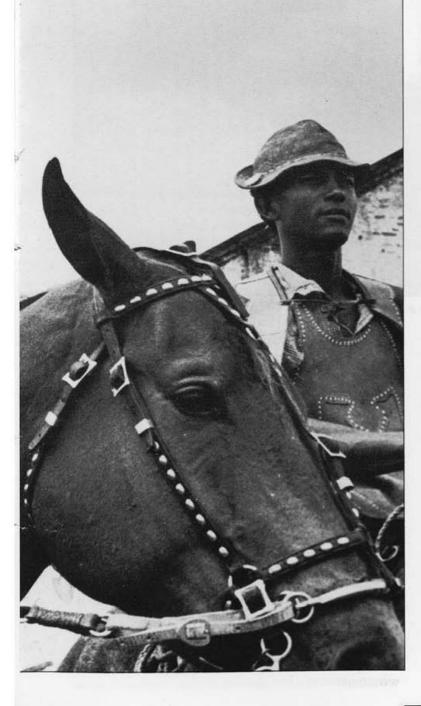
Vladimir Carvalho nos fala do seu Teotônio, "gigante de bengala em punho".

Com Teotônio Vilela foi um caso de atração irresistível. Fiquei siderado pela bela figura do senador e — vivendo em Brasília — passei a curtir todos os lances em que se envolveu desde os últimos anos. Primeiro, a atração pelas suas convicções políticas, sua visão de mundo, sua militância cívica, acima de partidos e instituições. Fascinou-me o abnegado, de lança em riste, fustigando os desmandos do país, como invencível cavaleiro andante. Daí a assimilá-lo como uma figura mítica, poética e como eixo de um documentário foi um passo/passe de mágica.

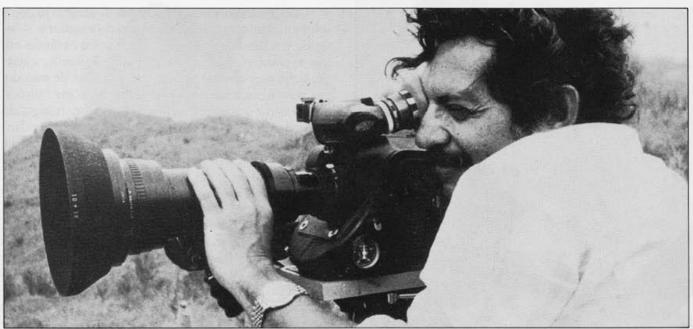
O pano de fundo é empolgante: o país anda à deriva, um desencontro total, o povo errando de um lado para outro, sem ter quem o valha e, então, surge um gigante deste, de bengala em punho, verberando os responsáveis pela calamidade, chispando de verdades, explodindo de lucidez. Não sei de tema mais atual, mais dramático, mais face a face com a verdade. E tudo a insinuar o documental, sem ter de enfeitar, de criar uma camisa-de-força com uma mise-en-scène de roteiro, como convencionalmente faz o cinema. O argumento estava ali: um homem possuído do fogo da Pátria vence os abismos da morte e quer como um deus salvar o seu país. É segui-lo com os olhos e os ouvidos da câmera, levados pelos caminhos da realidade e dos acontecimentos. E nesse sentido temos de reconhecer que o nosso enfocado levou enorme vantagem sobre a modesta equipe que o quis seguir. Sendo quase ubíquo, indo e vindo em todas as direções do país, obrigou-nos a um esforço muitas vezes superior às nossas condições de produção. Muitos dos seus lances deixaram de ser cobertos, criando, consequentemente, uma certa economia com relação à figura política de Teotônio, encaminhando o filme para uma empostação da figura humana, mais fácil de fixar, pela reconstituição, ou através de longa entrevista que nos concedeu.

Ao final, ficou uma homenagem implícita em todo o filme, e o que pretendemos mesmo foi secundar a pregação do senador, em atividade póstuma, funcionando o filme como um canal, um porta-voz, uma presença reiterada cuja mensagem não pode ser esquecida. O filme então seria mero suporte.

A pregação de Teotônio virou um verdadeiro evangelho dos novos tempos no Brasil. E os seus artífices são os trabalhadores, os estudantes, os migrantes nordestinos



## Foi um desafio apanhar Teotônio em pleno vôo



Vladimir Carvalho: levado pelos caminhos da realidade e dos acontecimentos.

desterrados no Centro-Sul, enfim todos os injustiçados. E foi isso que nós procuramos projetar de forma épica e panorâmica, sem esquecer as raízes da formação de Teotônio, as contradições que vivia, a sua origem de classe e a sua transformação. Para isso, a nossa opção foi viajar no tempo, retrocedermos com ele ao mundo de sua infância: o pai agnóstico ("Ele tinha horror a padre, a militar") acreditando apenas na terra e no trabalho, um senhor de terras de algumas luzes que assinava os jornais da capital; e a mãe profundamente religiosa, a ponto de ser chamada de "santa" Isabel pelos filhos. Ao mesmo tempo o seu envolvimento com a vida em torno, com o homem do campo, presentes a miséria e o sofrimento. Mais tarde Teotônio assumiria o mando da família, tentando perpetuar e expandir o patrimônio herdado, o que o levou a abraçar a política, virando um personagem digno de Tomaso di Lampedusa, no Gattopardo, que queria mudar a face do mundo mas evitando o trágico dos conflitos.

Foi-nos difícil, como disse, armar esse perfil com a dinâmica que Teotônio impunha. No nosso filme anterior (O Homem de Areia) tratamos uma figura de liberal, José Américo, mas com uma diferença — o homem estava retirado, vencido no tempo, retórico, sem nos permitir a entrevista coloquial que queríamos. Jamais arredou o pé de sua cadeira, no alpendre de Tambaú. Teotônio, não! Vivia disparado, nos últimos meses de vida, e foi um desafio, especialmente de produção, apanhá-lo em pleno vôo como desejávamos.

Mas Teotônio foi uma experiência como poucas. Deunos oportunidade de mais uma vez testar um método: filmar sem atores, sem roteiros, anotando os fatos no seu nascedouro, provocando a realidade. Na tradição ingênua de Lumière e depois da deliberada ruptura de Dziga Vertov vamos encontrar um vasto repositório de razões para trabalhar o cinema numa linha autônoma, livre das peias da literatura (teatro filmado nos primórdios), do romance, enfim do espetáculo a que o mercantilismo obrigou a arte do filme. Os experimentos de Vertov criavam uma escrita própria para o cinema. Acima da trivial encenação ficava a filmagem da "vida de improviso", o que nem sempre poupou ao pobre Vertov as maiores dores de cabeça. De certa maneira, O Evangelho Segundo Teotônio nos deu oportunidade de trabalhar nessa linha. Nós o tentamos.